



**I Seminário Nacional Infância,  
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**  
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

## **A função social da escola frente à hegemonia racial The social function of schools under racial hegemony**

### **Eixo Temático 1 - Políticas públicas, infância, adolescência e juventude**

**Carina dos Santos Magalhães<sup>1</sup>**

#### **Introdução**

A escola é uma instituição estratégica na formação de subjetividades e na reprodução das relações sociais. Embora tradicionalmente vista como um espaço neutro de transmissão de saberes, ela exerce uma função social decisiva na consolidação das hegemonias. Segundo Gramsci (1987), a hegemonia é construída nas instituições da sociedade civil, como a escola, que produz e reproduz valores e consensos em torno das estruturas de poder existentes.

Nesse sentido, a escola não apenas ensina conteúdos, mas participa ativamente da legitimação de um modelo social baseado em desigualdades de classe e raça. Ao lado disso, Althusser (2022) identifica a escola como um aparelho ideológico de Estado, responsável por formar sujeitos conformados com a lógica do capital. No entanto, como propõe Dewey (1971), a função social da escola pode e deve ir além da reprodução normativa, assumindo o papel de formar cidadãos autônomos, críticos e engajados com a transformação da realidade.

Este trabalho propõe discutir o papel da escola na disputa hegemônica, considerando sua potência como espaço de reprodução da dominação racial e, ao mesmo tempo, de construção de uma nova hegemonia popular, antirracista e emancipadora. Para isso, serão articuladas as contribuições de Gramsci (1987), Althusser (2022), Freire (2019), Fanon (1976), Mbembe (2019) e Dewey (1971).

#### **Desenvolvimento**

Gramsci (1987) compreende a escola como parte fundamental da sociedade civil, onde se

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: [seso.carinamagalhaes@gmail.com](mailto:seso.carinamagalhaes@gmail.com).

constrói e se difunde a hegemonia, isto é, o consenso ideológico e moral que legitima a dominação de classe. No capitalismo, essa hegemonia é burguesa e racializada, mantendo a supremacia branca como norma cultural. Assim, a escola se torna um espaço onde a desigualdade é naturalizada e reforçada.

Althusser (2022) aprofunda essa análise ao classificar a escola como o principal aparelho ideológico de Estado (AIE). Por meio da escola, o Estado molda sujeitos ideologicamente alinhados à ordem dominante, reforçando a alienação e a passividade.

Nesse contexto, pode-se concluir que o racismo estrutural não é um desvio do sistema, mas parte constitutiva dele (Almeida, 2019), presente na exclusão curricular de saberes negros, na criminalização simbólica de estudantes negros e na negação de suas identidades.

Para mais, Dewey (1971) defende que a escola não deve se limitar à instrução mecânica, mas na formação de sujeitos reflexivos e socialmente engajados, aptos a intervir criticamente na sociedade. Essa concepção encontra ressonância na proposta de Freire (2019), que entende a educação como uma prática de liberdade.

Dessa maneira, a escola deve promover a conscientização, permitindo que os oprimidos reconheçam sua realidade e se organizem coletivamente para transformá-la (Freire, 2019). Em síntese, essa abordagem se articula com a noção gramsciana de revolução cultural, que exige a construção de um novo consenso social, fundado nos valores das classes subalternas. Nessa perspectiva, a escola se torna um espaço de disputa hegemônica, dado que é uma instituição capaz de formar uma nova hegemonia, sendo esta proletária, democrática e antirracista.

Fanon (1976) contribui ao evidenciar os efeitos subjetivos e psíquicos do racismo na educação, apontando que o estudante negro, ao ser constantemente silenciado, inferiorizado e ignorado no currículo, internaliza a lógica da opressão, comprometendo sua identidade, autoestima e confiança. Assim, a desumanização vivida na escola não é apenas simbólica, mas constitui um processo profundo de alienação social e existencial (Fanon, 1976; Freire, 2019).

Mbembe (2019), por sua vez, amplia essa leitura ao introduzir o conceito de necropolítica, mostrando como o Estado exerce poder sobre a vida e a morte. No contexto educacional, essa lógica se traduz na gestão seletiva de corpos em territórios marginalizados, onde escolas periféricas são constantemente expostas à violência armada e à presença policial, transformando-se em espaços de controle e risco, sobretudo para a juventude negra e pobre (UNICEF, IFC; GENI-UFF; CERES-IESP,



**I Seminário Nacional Infância,  
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**  
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

2025).

Dessarte, a escola opera entre dois polos: de um lado, atua na reprodução da hegemonia racial e de classe; de outro, pode ser apropriada como instrumento de resistência e construção de um novo projeto social. Dessa maneira, reivindicar uma função social transformadora da escola significa reorientar sua prática em direção à construção de uma hegemonia crítica, coletiva e revolucionária.

### **Considerações Finais**

Portanto, conclui-se que a escola não é um espaço neutro, mas sim um dos pilares da reprodução das desigualdades estruturais. Conforme Gramsci (1987), ela pode tanto consolidar quanto contestar hegemonias. Seu papel como instrumento de dominação ou de transformação depende da correlação de forças políticas e culturais presentes na sociedade civil.

Assim sendo, reafirma-se a urgência de repensar a função social da escola como espaço de resistência, onde se construa uma nova hegemonia baseada na equidade, na consciência crítica e na emancipação social e racial. O desafio é político, pedagógico e histórico: transformar a escola para transformar a sociedade.

### **Referências Bibliográficas**

- ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. São Paulo: Paz & Terra, 2022.
- DEWEY, J. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- UNICEF; IFC; GENI-UFF; CERES-IESP. **Educação Sob Cerco: as escolas do Grande Rio impactadas pela violência armada**. Rio de Janeiro: UNICEF, 2025